

**PET Indígena**

9 de julho de 2020 · 🌐



Olá parentes, me chamo Lília Ramos Oliveira, moro na Aldeia Manga, sou indígena da etnia Karipuna, tenho 29 anos, sou acadêmica do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UNIFAP. Atualmente trabalho na Associação de Mulheres Indígenas em Mutirão (AMIM), como coordenadora financeira da associação. Gostaria de compartilhar com todos os parentes indígenas e não indígenas este momento tão difícil que estamos vivendo com a chegada da COVID-19 dentro das comunidades indígenas.

No início, todos temiam e, como em um piscar de olhos, o mundo parou. O vírus não escolhia classe social, não distinguia rico, pobre, branco, negro e índio, só tínhamos uma certeza: todos estávamos no mesmo barco, lutando contra o invisível. A tomada de decisão da comunidade para fechar o portão da entrada de nossa Terra Indígena Uaçá, no Km 18, foi imediata e muito eficaz. Foram feitas reuniões e as normas ficaram mais rígidas, o portão foi fechado e ninguém saía e ninguém entrava, mas o medo nos assolava a cada noite...

Todo dia escutávamos "morreu fulano em Oiapoque"! Nós não sabíamos que, desde o dia 5 de abril, já tínhamos, dentro da Aldeia Manga, os primeiros casos suspeitos. Com o passar dos dias só iam aumentando os casos, em uma velocidade enorme. Após os primeiros casos confirmados na Aldeia Manga tudo parou: os movimentos de roça, cultos, futebol e outras atividades. Minha família trabalha com comércio e foi muito difícil para continuar, pois não podíamos ir na cidade fazer as compras, tivemos que nos reinventar... a comunicação facilita. Respeitando todas as regras da saúde do DISEI fazíamos os pedidos online e vinham deixar até a entrada do KM 18, dessa forma abastecíamos o comércio, ainda estamos trabalhando dessa forma.

No dia 8 de maio o meu pai começou a apresentar sintomas, ficou dois dias acamado e com fortes dores, febre e tosse. A partir daí, a cada dia um da família apresentava sintomas, era horrível. Chegou um momento onde um já não conseguia cuidar do outro. Fui diagnosticada dia 22 de maio e hoje estou com 41 dias, recuperando aos poucos, mas durante nove dias tive falta de ar. Minha mãe foi a que passou mais mal, pois ela é hipertensa e tem outros problemas de saúde. Foram noites sem dormir e dias que pareciam não passar. Depois que fui diagnosticada tivemos que fechar as portas do comércio para não transmitir o vírus para outras pessoas. Tenho certeza de que nossos remédios tradicionais foram muito eficazes nesse momento, por isso quero pedir aos parentes para valorizar os nossos conhecimentos tradicionais. Fico feliz em saber que já temos muitos parentes recuperados, principalmente por causa dos remédios caseiros, como o chá que tomamos. Quero aqui agradecer a todos os enfermeiros indígenas e não indígenas que lutam na linha de frente por mim, por você e por todos, meu muito obrigada! Para as mulheres da AMIM (Associação das Mulheres Indígenas em Mutirão), quero dizer que as nossas oficinas de plantas medicinais estão dando resultado positivo, que podem ser vistos nesse momento tão difícil em que vivemos!

Aldeia Manga, Oiapoque, Amapá, Brasil

01 de julho de 2020.

[#vidasindígenasimportam](#) [#OPETNãopara](#) [#PetIndígena](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#)
[#CLII](#) [#LicenciaturaIndígena](#) [#FalaParente](#)

Bonjour, je m'appelle Lília Ramos Oliveira, j'habite au village Manga, je suis originaire de l'ethnie Karipuna, j'ai 29 ans, je suis étudiante dans le cours de licence interculturel indigène à l'UNIFAP. Je travaille actuellement à l'Association des femmes indigènes de Mutirão (AMIM), en tant que coordinatrice financière de l'association. Je voudrais partager avec tous les parents indigènes et non indigènes ce moment si difficile que nous vivons avec l'arrivée de COVID-19 au sein des communautés indigènes.

Au début, tout le monde avait peur et, comme en un clin d'œil, le monde s'est arrêté. Le virus n'a pas choisi de classe sociale, n'a pas fait de distinction entre riches, pauvres, blancs, noirs et indiens, nous avons qu'une certitude : nous étions tous dans le même bateau, combattant l'invisible. La décision de la communauté de fermer la porte d'entrée de notre terre indigène Uaçá, au km 18, a été immédiate et très efficace. Des réunions ont eu lieu et les règles étaient plus strictes, la porte était fermée et personne n'est sorti et personne n'est entré, mais la peur nous a tourmenté tous les soirs ...

Chaque jour, nous entendions «tel ou tel est mort à Oiapoque» ! Nous ne savions pas que, depuis le 5 avril, nous avons, dans le village de Manga, les premiers cas suspects. Au fil des jours, les cas ont augmenté, à une vitesse énorme. Après les premiers cas confirmés au village Manga, tout s'est arrêté : mouvements de ferme, cultes, football et autres activités. Ma famille travaille dans le commerce et il a été très difficile de continuer, car nous ne pouvions pas faire du shopping en ville, nous avons dû nous réinventer ... la communication facilite les choses. En respectant toutes les règles de santé de DISEI, nous avons passé des commandes en ligne et ils sont venus déposer jusqu'à l'entrée du KM 18, de cette façon nous avons fait le commerce, nous travaillons toujours de cette façon.

Le 8 mai, mon père a commencé à montrer des symptômes, il a été cloué au lit pendant deux jours et souffrait de douleurs intenses, de fièvre et de toux. À partir de ce moment-là, chaque jour, l'un des membres de la famille avait des symptômes, c'était horrible. Il est arrivé un moment où l'un ne pouvait plus prendre soin de l'autre. J'ai été diagnostiqué le 22 mai et aujourd'hui j'ai 41 jours, me rétablissant progressivement, mais pendant neuf jours j'ai eu un essoufflement. Ma mère était celle qui était la plus malade, car elle est hypertendue et a d'autres problèmes de santé. C'était des nuits et des jours sans sommeil qui ne semblaient pas passer. Après mon diagnostic, nous avons dû fermer les portes du commerce afin de ne pas transmettre le virus à d'autres personnes.

Je suis sûr que nos remèdes traditionnels étaient très efficaces à ce moment-là, donc je veux demander aux proches de valoriser nos connaissances traditionnelles. Je suis heureuse de savoir que nous avons de nombreux proches déjà récupérés, principalement à cause de remèdes maison, comme le thé que nous buvons. Je tiens à remercier toutes les infirmières indigènes et non indigènes qui se battent en première ligne pour moi, pour vous et pour tout le monde, merci beaucoup ! Pour les femmes de l'AMIM (Association des femmes indigènes de Mutirão), je tiens à dire que nos ateliers sur les plantes médicinales donnent un résultat positif, comme en témoigne ce moment très difficile dans lequel nous vivons !

Village Manga, Oiapoque, Amapá, Brésil

01 juillet 2020.

Traduit par Darleine Esther

[#vidasindigenasimportam](#) [#OPETNãPara](#) [#PetIndígena](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#)
[#CLII](#) [#LicenciaturaIndígena](#) [#FalaParente](#)

Hello family, my name is Lília Ramos Oliveira, I live in Manga Village, I am a native of the Karipuna ethnicity, I am 29 years old, I am a student of bachelor degree in the Indigenous Intercultural Course at UNIFAP. I currently work at the Association of Indigenous Women in Mutirão (AMIM), as the association's financial coordinator. I would like to share with all indigenous and non-indigenous people this moment so difficult that we are living with the arrival of COVID-19 within the indigenous communities.

At first, everyone feared and, as in the blink of an eye, the world stopped. The virus did not choose social class, it did not distinguish rich, poor, white, black and Indian, we only had one certainty: we were all in the same boat, fighting against the invisible. The community's decision to close the gate at the entrance to our Indigenous Land Uaçá, at 18 Km, was immediate and very effective. Meetings were held and the rules were tightened, the gate was closed and no one came out and no one went in, but fear plagued us every night....

Every day we'd hear "so-and-so died in Oiapoque"! We didn't know that, since April 5th, we already had, inside Manga Village, the first suspicious cases. As the days went by, the cases only increased, at a huge speed. After the first confirmed cases in Manga Village everything stopped: farming, cults, football and other activities. My family works in commerce and it was very difficult to continue because we couldn't go shopping in the city, we had to reinvent ourselves... communication makes it easier. Respecting all the DISEI health rules we made the orders online and came to leave until the entrance of KM 18, this way we supplied the trade, we are still working this way.

On May 8th my father began to show symptoms, he was bedridden for two days and had severe pains, fever and cough. From then on, every day one of the family presented symptoms, it was horrible. There came a time when one could no longer take care of the other. Today makes 41 days since I was diagnosed on May 22, slowly recovering, but for nine days I had shortness of breath. My mother had the worst time, because she has hypertension and has other health problems. It was sleepless nights and days that seemed endless. After I was diagnosed we had to close the business in order to not transmit the virus to other people.

I am sure that our traditional remedies were very effective at that time, so I want to ask relatives to value our traditional knowledge. I am happy to know that we already have many relatives recovered, mainly because of home remedies, such as the tea we drink. I want to thank all the indigenous and non-indigenous nurses who fight on the front line for me, for you and for everyone, thank you very much! For the women of AMIM (Association of Indigenous Women in Mutirão), I want to say that our medicinal plant workshops are giving a positive result, which can be seen in this very difficult moment in which we live!

Manga Village, Oiapoque, Amapá, Brazil July 1, 2020.

Translated by Ruth Lydie JOSEPH

[#vidasindigenasimportam](#) [#OPETNãPara](#) [#PetIndígena](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#)
[#CLII](#) [#LicenciaturaIndígena](#) [#FalaParente](#)

¡Hola parientes! Me llamo Lília Ramos Oliveira, vivo en la aldea Manga, soy indígena de la etnia Karipuna, tengo 29 años, soy académica de la carrera de Licenciatura Intercultural Indígena de UNIFAP. Actualmente trabajo en la Asociación de Mujeres Indígenas en Multitud como coordinadora financiera de la asociación. Me gustaría compartir con todos los parientes indígenas y no indígenas este momento tan difícil que estamos viviendo con la llegada del Covid-19 dentro de las comunidades indígenas.

Al inicio todos tenían miedo y como en un abrir y cerrar de ojos el mundo se paró. El virus no le importaba la clase social, no distinguía a personas ricas, pobres, blancas, negras e indios, sólo teníamos algo seguro, que todos estábamos en el mismo barco, luchando contra lo invisible. La decisión de cerrar el portón de la entrada a nuestra tierra indígena Uaçá en nuestra comunidad en el Km 18, fue tomada de inmediato y fue muy eficaz. Se hicieron reuniones y las normas se quedaron más rígidas, el portón fue cerrado y nadie salía ni entraba, pero el miedo nos atormentaba cada noche.

Todos los días escuchábamos, murió tal fulano en Oiapoque, nosotros no sabíamos que desde el 5 abril, ya teníamos los primeros casos sospechosos dentro de la aldea Manga. Con el pasar de los días sólo iban aumentando los casos, a una velocidad enorme. Después de los primeros casos confirmados, en la aldea todo se paró: Los movimientos de la granja, los cultos, el fútbol y otras actividades. En mi familia todos somos comerciantes y fue difícil continuar con el comercio, pues no podíamos ir a la ciudad a hacer compras, tuvimos que reinventarnos, la comunicación nos facilitó el trabajo. Respecto a todas las reglas de salud del DISEI, hacíamos los pedidos online y venían a dejarlos hasta la entrada del Km 18, de esta forma abastecíamos el comercio y trabajábamos de esa forma.

En el día 8 de mayo mi padre comenzó a presentar síntomas, estuvo dos días acostado con fuertes dolores, tos y fiebre. A partir de allí, cada día uno de mi familia presentaba síntomas, era horrible. Llegó un momento en que uno ya no podía cuidar al otro. Fui diagnosticada en el día 22 de mayo y hoy estoy con 41 días, recuperándome poco a poco, pero durante 9 días tuve falta de aire. Mi madre fue la que peor lo pasó, pues ella es hipertensa y tiene otros problemas de salud. Fueron noches sin dormir y días que parecían que no iban a pasar. Después que fui diagnosticada tuvimos que cerrar las puertas del comercio, para no contagiar el virus a otras personas. Estoy segura de que nuestros remedios tradicionales fueron muy eficaces en este momento, por eso quiero pedir a los parientes que le den valor a nuestros conocimientos tradicionales. Me quedo feliz al saber que tenemos muchos parientes recuperados, principalmente gracias a nuestros remedios caseros, como el té que tomábamos. Quiero aquí agradecer a todos los enfermeros indígenas y no indígenas que están al frente luchando por todos. Gracias a las mujeres de la AMIM, quiero decir que nuestras oficinas de plantas medicinales están dando resultados positivos, que pueden ser vistos en este momento tan difícil en que vivimos.

Aldeia Manga, Oiapoque, Amapá, Brasil

01 de julio de 2020.

Traduzido por Benjamin MBA ABUY NFUMU

#vidasindigenasimportam #OPETNãopara #PetIndígena #CampusBinacional #Oiapoque #CLII #LicenciaturaIndígena #FalaParente



  209

15 comentários 106 compartilhamentos